



A lenda da mãe de ouro

Natali Santa Rosa Modesto

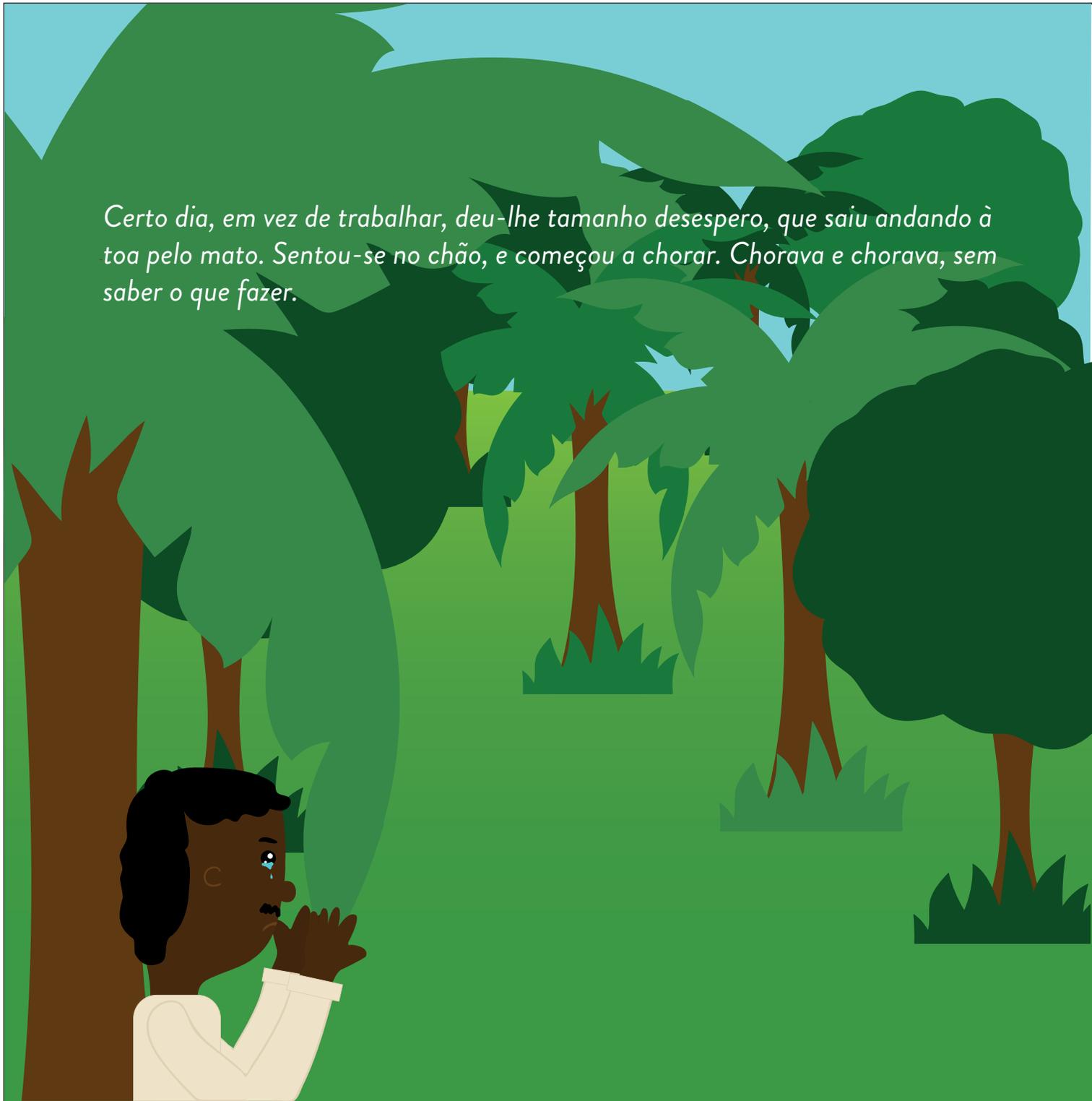
Diz a lenda que havia um rico senhor de escravos, de modos rudes e coração cruel, que ocupava-se na mineração de ouro. Seus escravos diariamente vinham lhe trazer alguma quantidade do precioso metal, para que não fossem castigados.



Havia um escravo já velho que costumavam chamá-lo de pai Antônio.
O pai Antônio andava numa tristeza que dava dó, vivia cabisbaixo e resmungando, pois não conseguia encontrar nenhum ouro, mais dia menos dia, lá iria ele para o castigo.



Certo dia, em vez de trabalhar, deu-lhe tamanho desespero, que saiu andando à toa pelo mato. Sentou-se no chão, e começou a chorar. Chorava e chorava, sem saber o que fazer.



Quando descobriu o rosto, viu diante dele, uma mulher branca muito linda, e com uma linda cabeleira cor de fogo, era conhecida por mãe do Ouro.

E ela perguntou:

- Por que está triste assim, pai Antônio?

E então ele contou-lhe a sua desventura.

Ela respondeu:

- Não chore mais. Vá comprar-me uma fita azul, uma fita vermelha, uma fita amarela e um espelho.

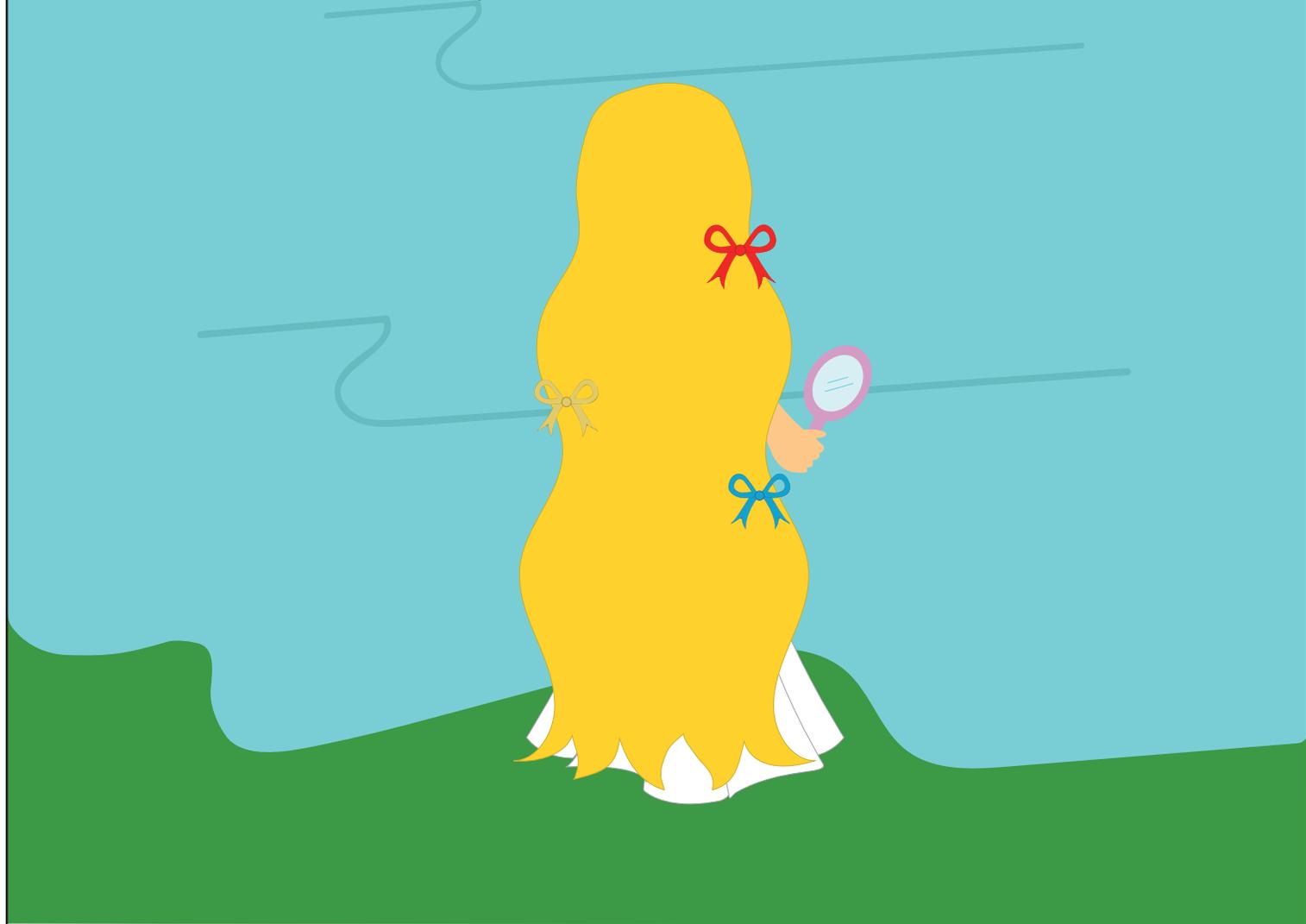
Ele respondeu:

- Sim, sinhazinha.



Ele saiu do mato às carreiras, foi à loja, comprou o espelho e as fitas mais bonitas que achou, e voltou a encontrar a mulher dos cabelos de fogo. Então ela foi diante dele, parou num lugar do rio, e ali foi entrando no lago, até que sumiu. A última coisa que ele viu foram os cabelos de fogo, onde ela amarrara as fitas. Uma voz disse, de lá da água:

- Não conte a ninguém o que aconteceu.



Pai Antônio correu, tomou a bateia e começou a trabalhar. Cada vez que peneirava o cascalho, encontrava muito ouro. Contente da vida, foi levar o achado ao patrão. Em vez de se satisfazer, o malvado queria que ele o contasse onde havia encontrado o ouro.

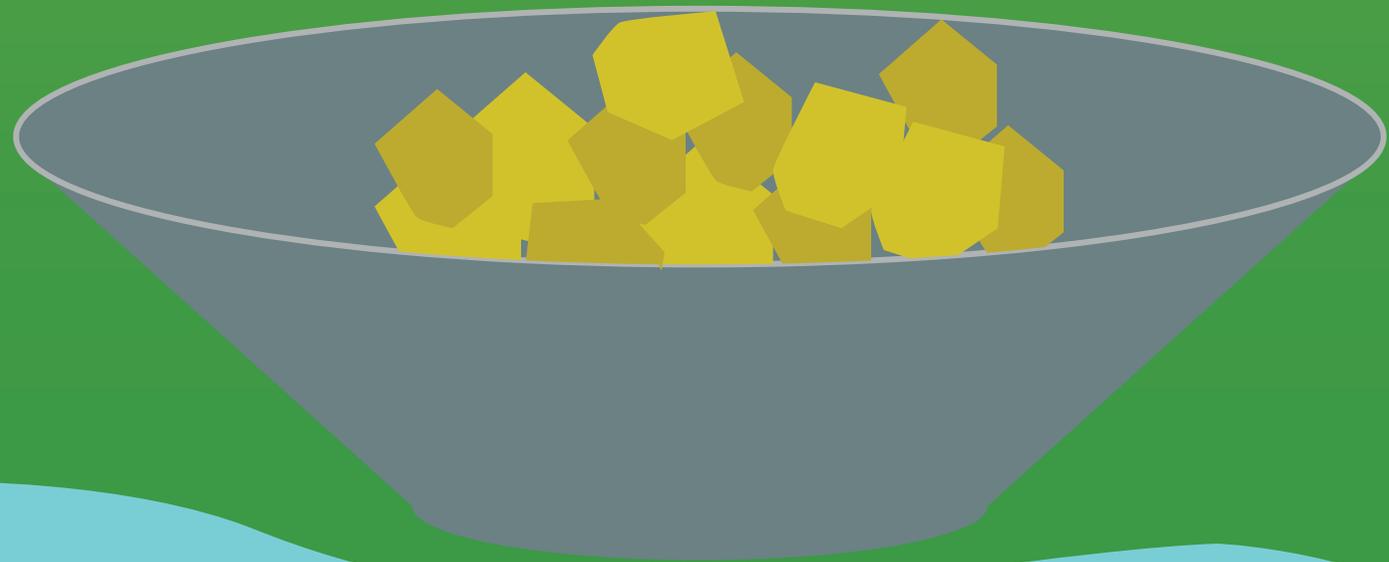
Pai Antônio respondeu:

- Lá dentro do rio mesmo, sinhozinho.

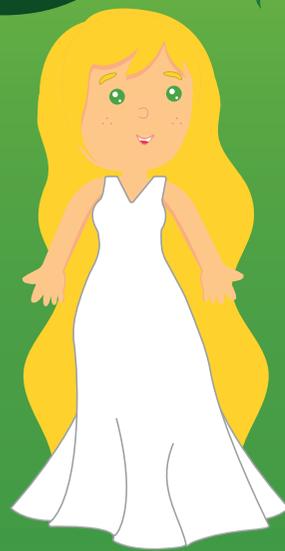
O patrão perguntou:

- Mas em que altura?

- Não me lembro mais - disse pai Antônio.



Pai Antônio foi então castigado, e assim que o soltaram, correu ao mato, no mesmo lugar onde estivera e chamou a Mãe do Ouro.



Ele então questionou:

– Se a gente não leva ouro, é castigado. Levei o ouro, e quase me mataram de pancada. Agora, o patrão quer que eu conte o lugar onde o ouro está.

Mãe do Ouro respondeu:

– Pode contar – disse a mulher.

Pai Antônio indicou ao patrão o lugar, cavou e cavou. Já tinha feito um buracão quando deu com um grande pedaço de ouro. Por mais que cavasse não lhe via o fim. Ele se enfiava para baixo na terra, como um tronco de árvore.

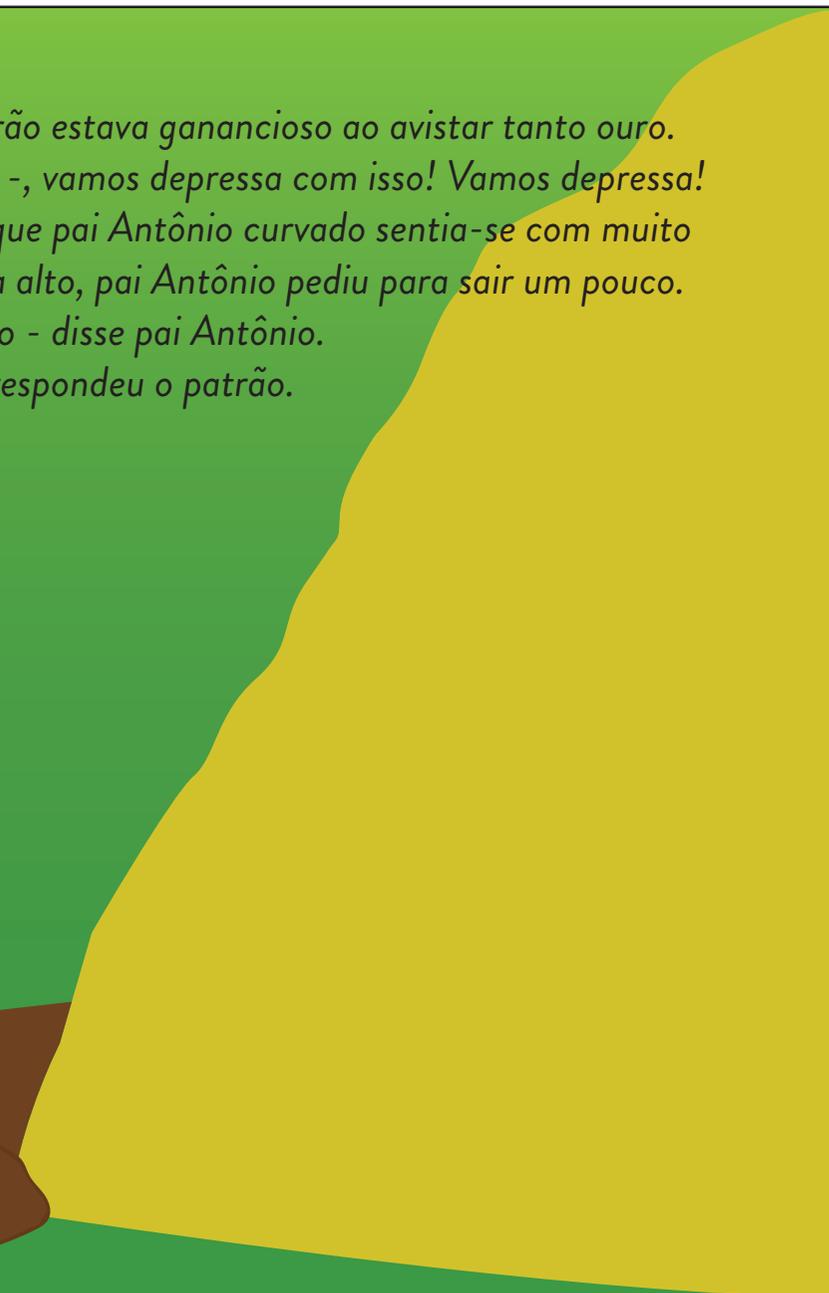


No segundo dia, foi a mesma coisa.
Cavou durante horas, e aquele ouro sem fim se afundando para baixo sempre,
sem que nunca se pudesse encontrar-lhe a base. No terceiro dia, o negro Antônio
foi à floresta, pois viu, entre as aberturas do mato, o vulto da Mãe do Ouro, com
seu cabelo reluzente, e pareceu-lhe que o chamava.

Mal chegou junto dela, ouviu que ela dizia:
- Saia de lá amanhã, antes do meio-dia - falou a
mãe do Ouro.



No terceiro dia, o patrão estava ganancioso ao avistar tanto ouro.
- Vamos - gritava ele -, vamos depressa com isso! Vamos depressa!
Parecia tão maligno, que pai Antônio curvado sentia-se com muito medo. Quando o sol ia alto, pai Antônio pediu para sair um pouco.
- Estou doente, patrão - disse pai Antônio.
- Vá, mas venha já - respondeu o patrão.





Pai Antônio se afastou depressa. O sol subiu no céu. Na hora em que a sombra ficou bem em volta dos pés no chão, um barulho estrondou na floresta, desabaram as paredes do buraco, o patrão foi soterrado e morreu.



Pai Antônio agora era um homem livre para viver como quisesse, e viveu feliz durante toda a sua vida, e agradecendo à mãe do ouro pela ajuda fornecida.

FIM